



# JORNAL-JIM

## A VOZ DO POVO MURA



Jornal da Juventude Indígena Mura  
Ano 01 – Outubro 2024 nº 01

Olá, povo Mura,

Esse é o primeiro jornal da Rede de Comunicadores e Comunicadoras Indígenas Mura.

Participamos da Oficina “Comunicadores e comunicadoras indígenas: em defesa da vida e do território”, promovida pelo JIM, Juventude Indígena Mura, e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Regional Norte I e sua equipe Borba, realizada na aldeia Moyray, nos dias 24 a 26 de setembro.

Tivemos apoio da aldeia Moyray, da Organização de Lideranças Indígenas do Careiro da Várzea (OLIMCV) e da Organização das Mulheres Indígenas Mura (OMIM). A todas essas instituições, nosso muito obrigado.

Estavam presentes jovens de diferentes idades das aldeias Jutai, Santo Antônio, Ponciano, Trincheira, Lago do Soares, Mura Tukumã, Gavião, Murutinga, Ponta das Pedras e Moyray, dos municípios de Autazes e Careiro da Várzea.

O objetivo foi de aprimorarmos, potencializarmos e fortalecer nossas capacidades de comunicação para produzirmos mais e mais notícias sobre nós e com nosso povo, com nossa forma de olhar e escrever sobre nós mesmo.

Achamos isso importante para podermos fortalecer nossa juventude e nossas comunidades na resistência, nas lutas em defesa dos nossos direitos e território, para nós que somos o presente e o futuro do nosso povo.

Esperamos que vocês gostem dos textos e fotos que produzimos e pedimos que nos apoiem para continuarmos divulgando nossas notícias com o nosso jeito Mura de ser.

Boa leitura.



Alan Souza de Castro  
Dirley Sabino da Silva  
Fabrício Ramos Filgueira  
Filipe Gabriel da Silva e Silva  
Gabriela dos Santos Filgueira  
Giselli Batista dos Santos  
Iana Marcela da Costa Vinhote  
Jackson Braga da Silva  
Jarliane Lima Prado  
Juan Cabral Ferreira

Keyla Fernanda dos Santos França  
Lais Prado de Lima  
Luanna Ferreira Andrade  
Luziane Santos de Amorim  
Maiara Delgado Figueiredo  
Maria do Socorro Azevedo da Silva

Ramaíandra Azevedo da Silva  
Raniele Gomes Figueiredo  
Raquel Santos dos Santos  
Thaylana de Souza Carvalho  
Tuniel Gomes Figueiredo  
Yasmim Ribeiro de Souza



## **Meio ambiente em tempo de estiagem na aldeia Murutinga.**

*Por Dirley Sabino da Silva, Raniele Gomes Figueiredo, Tuniel Gomes Figueiredo e Jackson Braga da Silva, jovens Mura da comunidade Murutinga.*

Na aldeia Murutinga no tempo da estiagem os moradores sofrem dificuldades por causa da seca extrema que estamos enfrentando esse ano, conforme os relatos do morador Dirley da Silva, 18 anos, nascido e criado na aldeia Murutinga.

"Eu Dirley da Silva preciso caminhar uns 20 a 30 minutos para comprar meu alimento no mercado mais próximo, eu tenho que comprar muito porque a dificuldade de trazer os alimentos é grande. A gente tem que carregar tudo pois não tem transporte terrestre."

Outra dificuldade é o abastecimento de água na comunidade, relata Dirley: "O abastecimento de água em minha casa está precário pelo fato de tudo secar, temos que fazer cacimba para botar bomba para abastecer minha casa para tudo, tomar banho e lavar roupa usamos água da cacimba. Para beber precisamos clorar a água", falou com tristeza.

O que o governo poderia ajudar a comunidade na seca, do ponto de vista do Dirley, é que poderia ter mais atenção e ajudar com alimentos e água que estão difíceis de conseguir. "Na minha opinião, o governo poderia olhar mais pra nós, fornecer água potável e cestas básicas pra ajudar a gente. Poderia criar projeto pra quando chegar o tempo da seca não ser tão dificultoso pra nós", declarou.



Muitas aldeias precisaram fazer cacimba para ter água potável na estiagem desse ano. Foto: livre da internet.

Lago Iguapenú seco em frente da comunidade Mura Moyray. Foto Lígia Apel.



## **A educação escolar indígena reafirma valores ancestrais**

*Por Amanda de Souza Pereira, Estelio Júnior Matias Pereira e Graciely dos Santos de Souza, comunicadores da aldeia Moyray.*

A educação nas escolas indígenas é uma ferramenta indispensável para a manutenção e reafirmação dos valores ancestrais e busca resgatar a cultura, idiomas, tradições e modos de vida, que ao longo dos tempos vêm desaparecendo. Também tem o papel fundamental na construção do futuro dos cidadãos e cidadãs indígenas, para estarem conhecedores dos seus direitos.

A Educação Escolar Indígena tem base em cinco princípios: interculturalidade, comunitários bi e multilíngues, é específica, é diferenciada e, acima de tudo, representa uma conquista dos povos indígenas, ou seja, a força da coletividade.

A Educação Escolar Indígena, em partes, tem dificuldade de acontecer porque sofrem um impacto por parte de alguns pais que não aceitam os conteúdos e acreditam que os estudantes indígenas devem se estudar outros conteúdos. “Sou contra por motivos dos ensinamentos não serem padrão como é para ser como nas escolas não indígenas e acabam prejudicando nossos filhos quando eles vão tentar ingressar na faculdade”, afirmou a mãe de aluno na Sra. Angélica de Souza Lira, da comunidade Moyray.

Já a Sra Erinete Vieira de Souza, também mãe de aluno da comunidade Moyray, diz que não concorda com a metodologia usada em sala de aula. “Não sou contra a Educação Escolar Indígena, mas a maneira como é aplicada na sala de aula”, falou decepcionada e com desejos de que as metodologias utilizadas pelos professores sejam melhoradas.

Assim, “a Educação Escolar Indígena deve ser contextualizada de acordo com a realidade de cada povo, transformando os conhecimentos tradicionais em conteúdos programáticos para serem trabalhados nas escolas pedagogicamente, porém não podem ser confundidos com Educação Indígena, aquela que é repassada de pai para filho”, ressaltou o professor indígena Geam Rodrigues ao ouvir as mães Angélica e Erinete, e reforçou que “desse modo, a formação dos professores indígenas é um aspecto fundamental que contribui com o ensino das escolas indígenas. Para muitos pais, eles atuam como mediadores da cultura e o sistema educacional”, explicou o professor.



A Educação Escolar Indígena exige formação metodológica para os professores indígenas. Participantes da Oficina da comunidade Moyray. Foto: Quezia Martins.



## A ausência de escola nas aldeias Mura

*Por Keyla Fernanda dos Santos França; Iana Marcela da Costa Vinhote e Maiara Delgado Figueiredo, comunicadoras indígenas Mura da aldeia Ponciano*

A aldeia Moyray necessita de uma escola porque os estudantes da comunidade enfrentam dificuldades para se deslocar de suas casas para estudar.

Em entrevista concedida para a equipe da Oficina de Comunicadores e Comunicadoras indígenas, a senhora Priscila dos Santos e Souza, moradora da comunidade e mãe de aluno, falou sobre essa necessidade:

“Precisamos de uma escola aqui na comunidade Moyray, e que seja uma escola de qualidade e um transporte melhor”, afirmou.

De acordo com ela, se tivesse uma escola na comunidade, os pais se sentiriam mais seguros e os alunos ficariam mais próximos de suas casas:

“Eles vão de micro [ônibus] até a Escola Doutora Jacobina, que se localiza na comunidade São Felix”, disse, comentando a distância e a preocupação que fica até os filhos voltarem em segurança para casa.

Assim como Moyray, as demais comunidades, como a Aldeia Ponciano, também enfrentam a mesma dificuldade e as mesmas preocupações porque não têm escolas próprias e as crianças e os jovens precisam sair da comunidade para poder estudar.

Na opinião de vários moradores dessas aldeias, é muito simples resolver essa situação, basta o estado e o município construírem escolas em todas as aldeias Mura.



Maloca da comunidade Moyray, aldeia que não tem escola.  
Foto Quézia Martins.

## Falta de posto de saúde não dá privacidade ao atendimento à saúde

*Por Giselle Batista dos Santos, Ramaiandra Azevedo da Silva e Maria do Socorro Azevedo, comunicadoras indígenas da aldeia Jutaí*

A falta de um posto de saúde vem dificultando os atendimentos da equipe multidisciplinar do Distrito de Saúde indígena da (Dsei), da região de Autazes e Carrero da Várzea, que é responsável pela saúde indígena na aldeia Jutaí. Essa situação já vem acontecendo há alguns anos e os moradores sofrem com essa dificuldade.

Atualmente, os atendimentos são feitos de forma improvisada, às vezes no casarão, às vezes na escola, embaixo de árvores ou até mesmo nas casas dos moradores.

Já foram encaminhados diversos documentos aos órgãos competentes solicitando a construção de um posto de saúde na comunidade, porém essas solicitações nunca foram atendidas.

Conforme o Agente Indígena de Saúde (AIS), Edilane Braga, a falta de um lugar apropriado não dá privacidade ao paciente e ao profissional da saúde durante o atendimento.

“A dificuldade que a gente tem no trabalho] por causa da falta de um posto de saúde, é que quando a equipe de saúde vem para a comunidade, não pode fazer o atendimento por que não tem um lugar apropriado para atender. E muita gente não pode vem porque as pessoas vão ser expostas pra todo mundo. Mas, se a gente tem um posto, tem uma sala para enfermeiros, sala de médico, sala do dentista, aí a gente conversa só com a gente e o paciente”, alegou.

A AIS disse, ainda, que “com essas dificuldades, as mulheres são as mais prejudicadas, pois não têm uma privacidade adequada durante os atendimentos ginecológicos, consultas médicas, pré-natal e consulta com dentista”.

Para solucionar esse problema é necessário que o Dsei e a Secretaria de Saúde se preocupem com a saúde indígena.



Oficina de comunicação: jovens indígenas estudam como fazer uma notícia.  
Foto: Quézia Martins.

## Impactos para a juventude Mura causados pela mineração

Por Alan Souza Mura, Filipe Gabriel Mura e Raquel Santos Mura, comunicadores indígenas da aldeia soares.

Nesse momento, na Amazônia brasileira, um grande projeto de mineração de potássio em terras indígenas está em andamento, demonstrando desrespeito aos direitos dos povos indígenas garantidos na Constituição Federal (CF) de 1988.

As comunidades indígenas de Autazes vivem grandes preocupações pelas incertezas que essa mineração está trazendo com sua instalação no município e, com ela, preocupações com as presentes e futuras gerações, ou seja, que esperanças de vida de qualidade que a juventude hoje e as crianças que nascerão futuramente podem ter?

Em entrevista realizada com uma das lideranças indígenas da aldeia Moyray, Senhor Adílio Mura, as esperanças não são boas. Quando questionado sobre os possíveis impactos que a mineração pode trazer, ele foi firme: “Esse projeto de mineração não é viável, pois os jovens de nossa aldeia não serão privilegiados com os empregos que virão”, disse, sabendo que para esses empregos que serão criados será preciso qualificação profissional, o que não é do alcance da juventude indígena.

A professora indígena Lucinete Souza, da aldeia Moyray, também está preocupada com os impactos que a mineração pode trazer para a região. “Acredito que os impactos serão muitos, principalmente quando se inclui os jovens. A mineração pode causar diversos impactos negativos para a sociedade e para o ambiente”, disse angustiada.

E o jovem indígena da aldeia Soares, Alan Castro, falou das suas incertezas. “ Eu realmente não sei o que será do meu futuro se a mineração acontecer. Onde eu estudarei? Eu não sei quanto e como isso me afetará, se pouco ou se muito”, disse o jovem, demonstrando aflição.

No entanto, tanto para o jovem Alan como para o senhor Adílio, o povo Mura precisa continuar resistindo para que o empreendimento não aconteça.



Frames de vídeos enviados pelos Mura ao Amazônia Real mostram o trabalho intenso dentro do território. Imagem reprodução/Brasil de Fato.



Comunicadores e comunicadoras das comunidades Trincheira e Lago do Soares comentam sobre os impactos da mineração em seu território.  
Foto: Quézia Martins.



## JOGOS TRADICIONAIS MURA

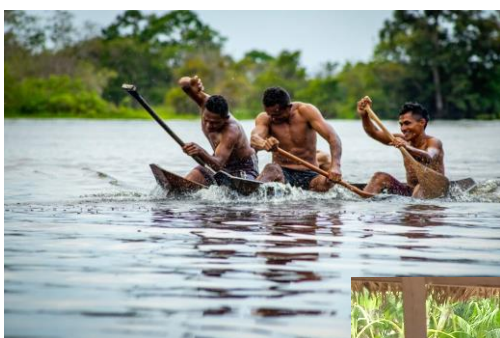
*Por Fabrício Ramos, Gabriela dos Santos e Thayana Carvalho. Comunicadores indígenas da aldeia Santo Antônio*

Os Jogos Tradicionais do povo Mura nas comunidades indígenas do município de Careiro da Várzea são praticados dentro das aldeias e são considerados importantes porque reúne as aldeias Mura e combina tradição, cultura e esportes, três aspectos que formam a vida do povo Mura.

Os campeonatos são praticados uma vez por ano em cada comunidade indígena e é chamado de Festival Indígena e são organizadas modalidades esportivas que fazem parte da vida dos povos indígenas, como corrida, arco e flecha, canoagem e arremesso de lança.

O morador de uma das aldeias indígenas Mura Tukumã, Juan Cabral Ferreira, de 18 anos, é um fã do Festival e disse que não perde as competições. Em entrevista à equipe da Oficina de Comunicadores Mura, o jovem Mura falou sobre a importância dos jogos.

“É uma forma de valorizar nossa cultura, como as danças e os jogos tradicionais. Eu sempre vou e admiro a força e a coragem dos competidores. É uma tradição importante pra nós porque faz parte da nossa cultura desde muito tempo”, disse, afirmando que é importante realizar os Jogos Tradicionais Mura para manter viva a cultura do povo.



Modalidade canoagem em jogos indígenas. Foto reprodução/site BNC Amazonas.



Fabrício, Gabriella e Thayana conversam sobre Jogos Tradicionais Mura. Foto Quézia Martins.

## Problemas respiratórios são causados pela fumaça das queimadas

Por Luanna Ferreira Andrade e Juan Cabral Ferreira, comunicadores indígenas da aldeia Mura Tukumã.

No período do verão 2024, na aldeia Moyray, os moradores estão sofrendo por conta das queimadas. As fumaças continuam se alastrando e causando muitos problemas de saúde.

Em entrevista durante a Oficina de Comunicadores Indígenas, a senhora Walmira Mura, anciã da aldeia Moyray, falou sobre as queimadas do ano passado que chegaram dentro da terra indígena e disse que esse ano a fumaça continua se alastrando.

“No passado foi um momento difícil, tiveram pessoas que sofreram com falta de ar, tosse e gripe. Foi um sofrimento muito grande. Esse ano também, mas nem tanto como ano passado. Esse ano tá menos fumaça, mas tá causando problemas para a saúde”, disse, lamentando e lembrando que na sua época não havia tantos focos de incêndio como nos dias atuais.

Seu Adílio Mura, outro morador idoso da comunidade Moyray, é um produtor da agroecologia e diz que tem uma solução para produzir e não fazer queimadas.

“Estamos trabalhando em áreas degradadas com agroecologia e com o intuito de recuperá-las sem tacar fogo. Apenas plantar e sem desmatar as matas”, disse.

Mesmo com essa solução, a comunidade tem preocupação que pode piorar se não chover daqui nos próximos meses.



Fumaça dos incêndios se alastrou por toda a Amazônia.  
Foto: reprodução/site Greenpeace.



Comunicadora Luanna Andrade e comunicador Juan ferreira debatem sobre as Queimadas. Foto: Lígia Apel.



## Transporte escolar não está funcionando como deve nas aldeias Mura

*Por Yasmim Souza e Jarliane Lira Prado, comunicadoras indígenas da aldeia Ponta das Pedras.*

O transporte escolar é muito essencial para os alunos das aldeias Mura, especialmente para aqueles que moram longe das escolas onde estudam.

Ultimamente, os alunos que estudam na rede estadual estão enfrentando muita dificuldade, pois o seu transporte não está mais fazendo a condução, porque o locatário do transporte, seu Sandro Santos, mais conhecido só como seu Santos, está sem receber seu salário que vem do estado. Ele lamenta não poder continuar transportando os alunos.

“Eu não tenho condições de continuar trabalhando sem receber o meu salário. Por consideração aos alunos, eu levava três vezes na semana. E tirando dinheiro do meu próprio bolso, mas depois de uns meses não deu mais e, por isso, parei de levar os alunos”, disse triste.

Os alunos ficam indignados, os pais ficam preocupados com o aprendizado e a dificuldade dos filhos em continuar os estudos.

A aluna do ensino estadual, Mayara Lira, relatou que precisa pegar o transporte do município, e disse que tem problemas com esses alunos: “eu tenho que ir no transporte do município e me sinto muito humilhada por que esses alunos não gostam que os alunos do estado vão com eles no mesmo transporte”, disse.

A mãe de aluno da rede estadual, a senhora Angélica de Souza, disse que seus filhos vão a pé até a estrada para pegar o transporte e que fica muito preocupada com isso. “Meus filhos sofrem muita dificuldade, eles andam na chuva e no sol para pegar transporte, e é muito triste ver meus filhos nessa situação porque agora eles não estão indo em seu transporte próprio”, lamentou.

Para melhorar essa situação, o estado deveria ter um transporte de qualidade para os alunos. As comunidades Mura esperam que o estado lhes dê mais atenção.



Yasmim Souza e Jarliane Lira Prado, comunicadoras indígenas da aldeia Ponta das Pedras debate sobre transporte escolar nas aldeias Mura.  
Foto: Lígia Apel.